

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
Data	/ /
Cod.	UED00085

Porto Velho, 24 de julho de 1989 .

Venho através deste relatório informar a V.Sª coisas que estão acontecendo dentro da reserva indígena Uru-eu-wau-wau, e eu presenciei durante o tempo que eu estou trabalhando de serviços prestados para a Funai.

Em agosto do ano passado eu estava no posto do Alto Jarú. Eu vi contrato feito entre o madeireiro José Luis e a Funai de Porto Velho, assinados pelo delegado de Porto Velho e Sup. de Cuiabá. Este contrato, a cópia se encontra em poder do chefe de posto de Alto Jarú (Diogo).

Eu vi ainda sair cento e quinze (115) toras de mogno e imburana, sem serem medidas.

Um pouco desta madeira foi apreendida pelo I.E.F. na linha 628. E logo depois a mesma foi liberada.

Eu como era morador do local antes de ir trabalhar para a Funai, tenho testemunhas, como quem derrubou estas árvores foi o próprio José Luis. E todo ano continua derrubando.

No mes de novembro do ano passado eu fui transferido para a linha 621, pois tinha pegado hepatite e o médico da Funai Mizote, me aconselhou ir para outro posto mais sadio.

Chegando lá eu fui vesturiar a área e encontrei vários carriadores de toras, dentro da reserva, dando acesso para as linhas 48 e 46.

Eu levei ao conhecimento do Hugo e ele me disse que era mentira, pois ele tinha ido no local fazer vistoria e não tinha achado nada disto .

Logo depois os colonos vizinhos com o posto me avizaram que tinham visto o Hugo, junto com o madeireiro que tinha tirado madeira lá.

E agora no final de abril eu fui fazer vistoria na divisa da reserva entre a linha 621 e 623 (entre o marco de aluminio 15 e 16 e o rio jaru) encontrei dois operadores de moto serra derrubando madeira na divisa da reserva.

Eu chamei os companheiros que estavam comigo para irmos lá (João Suruí, Josué Satarê Maué, Bocana Uru-eu-wau-wau). O João saiu na frente enquanto eu chamava os outros e quando chegou no local um homem estava aparando a tora e o outro estava em pé de costas para o João, ai o mesmo chamou o homem e como o barulho do motor era grande (o mesmo estava sem escapamento) o João tocou nas costas do homem e chamou o mesmo. Quando ele viu que era um índio ele agarrou na espingarda que o João estava segurando (apontando para o chão) e com a outra mão tirou o facão da bainha e passou a tentar a furar a barriga do João, eu quando vi aquilo corri e ameacei o homem com a minha espingarda ai ele largou o João e eu fui chamar o homem que estava aparando a tora. Eu conversei um pouco com ele nisso eles saíram correndo, eu peguei o motor e levei para o posto.

Eu entrei em contato por radio com a Funai de Vilhena e pedi para avisar a Porto Velho, que eu queria falar com eles pois eu estava tendo problemas com o madeireiro José Alagoano dono da Madreira Cometa.

Só as 16:00 hs. que eu pude passar o radiograma.

Dois dias depois o Sr. Amauri mandou me chamar em Porto Velho. O mesmo queria saber o que tinha ocorrido, eu expliquei tudo para ele e o Sr. José Humberto, e o mesmo me disse que eu iria ser transferido para outro posto, pois era muito perigoso eu ficar na 621 com minha família. Eu retornei para o posto para poder arrumar as minhas

coisas para fazer a mudança (e o Hugo me levou).

Chegando no posto o Hugo pegou a moto serra e foi entregar de novo ao madeireiro o Índio Bocana Uru-eu-wau-wau (Tampinha) estava junto dele quando entregou o motor ao madeireiro.

E, o Hugo levou o Bocana para Porto Velho, o João já tinha ido pois o mesmo ia entrar de férias.

Eu fiquei sozinho no posto com minha família. No mesmo dia o irmão do Sr. Gere-mias vizinho da reserva veio me informar que ele tinha escutado o encarregado da made-reira Cometa telefonar para o Hugo. E o mesmo tinha acertado com o Hugo que iriam de-volver o motor e me tirar do posto. Para poderem tirar madeira.

E logo no outro dia a madeireira Cometa entrou novamente na reserva, desta vez com tres tratores, vários operadores de moto serra derrubando todo tipo de madeira. E quinze caminhões puxando a madeira.

As 10:00hs. eu entrei em contato com a Funai de Vilhena e pedi para avizarem a Porto Velho que eu tinha um radiograma urgente pois os mad. tinham invadido a reser-va. E só as 14:15 hs. foi que a Porto Velho entrou no ar.

Eu pedi para passar o radiograma mas a telefonista disse que não era preciso pois o Hugo iria resolver o problema. (O posto de madeirinha escutou o aviso).

No outro dia o Hugo chegando lá com outra equipe de pessoas e me levou para No-va Floresta.

E até hoje as madeiras estavam lá tirando madeira e ninguém escuta falar mais nada. (O índio Bocana e João Suruí também foram mandados para o posto Nova Floresta).

Chegando ao posto Nova Floresta fui percorrer a área e encontrei várias derruba-das do Rio Floresta voltando para a RO 421 os madeireiros já tiraram quase toda a ma-d eira de mogno e imburana.

Do lado esquerdo de quem sobe o Rio Floresta tem algumas derrubadas e seringuei-rós na área .

A ordem que recebi do Hugo foi ver e ficar quieto.

Eu pergunto a V.Sª como que ficará o índio daqui a uns poucos anos? Será que ninguém toma providências, isto é uma injustiça ao nosso semelhante.

Eu também sei que estou correndo perigo de vida mas se ninguém falar nada os índios aos poucos vam se acabando (morrendo a mingua).

Por isso peço as autoridades competentes deste País, não deixem que se marginali-zem estes índios.

Vamos lutar para que esta reserva com o decorrer dos anos não acabe virando fa-zenda de seu Dr.

Eu até o momento trabalho como chefe de posto ganhando salário minimo (servi-ços prestados a Funai).

Peço também que eu um dia possa trabalhar como funcionário . Pois eu e minha fa-milia amamos os índios e gostaríamos de ficar junto deles. Não com este tipo de coisas q ue estão acontecendo.

E que Deus possa permitir que todos estes problemas sejam resolvidos.

Atenciosamente,

Carlos Ismael de Lucena Filho
Resp. P.I. Nova Floresta.